



O TUPI QUE VOCÊ FALA: Reflexões sobre as culturas nativas brasileiras no processo de alfabetização e letramento

Jonas Campos Francisco ¹
Pedro Henrique Rodrigues Narcizo ²
Maysa Carvalho de Pádua ³
Melissa Salaro Bresci ⁴

RESUMO

As atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), elaboradas a partir de uma sequência didática programada e estruturada para trabalhar com a alfabetização e letramento para as relações étnico-raciais, foram executadas em duas classes do 1º ano do Ensino Fundamental. As palavras em tupi presentes na obra lida em sala de aula instigaram uma pesquisa etimológica comparando dicionários e consultando pesquisas acadêmicas para a criação de um minidicionário e exercícios abrangendo a cultura nativa com ênfase especial na linguagem e na alimentação. Como encerramento da proposta, os pibidianos realizaram uma contação de história sobre a origem do milho, apresentação de sementes crioulas e a realização do plantio de milho de pipoca em um canteiro manejado no pátio da escola. Ao destacar a presença de palavras indígenas no vocabulário cotidiano, como nomes de frutas e animais, a ação buscou valorizar a importância das culturas originárias na construção da identidade brasileira e inserir no universo das crianças um rico aprendizado sobre o cultivo de alimentos, o cuidado da terra e a biodiversidade nativa.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais, Povos indígenas, Tupi, Educação ambiental, Sementes.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa e aplicação didática foi realizado com alunos de duas classes do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Ouro Fino/MG, junto às professoras regentes das turmas e a supervisora dos bolsistas, sob a coordenação da professora orientadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à

¹ Bolsista PIBID e graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do IFSULDEMINAS campus Inconfidentes - MG, jonas.campos@alunos.ifsuldeminas.edu.br;

² Bolsista PIBID e graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do IFSULDEMINAS campus Inconfidentes - MG, pedro.narcizo@alunos.ifsuldeminas.edu.br;

³ Docente na Escola Municipal Ester Favilla, supervisora PIBID, graduada em Pedagogia, Universidade do Vale do Sapucaí - MG, maysacpadua@gmail.com;

⁴ Docente do IFSULDEMINAS Campus Inconfidentes, Coordenadora PIBID, Doutora em Educação, UNINOVE - SP, melissa.bresci@ifsuldeminas.edu.br.

Pesquisa realizada no âmbito do PIBID fomentado pela CAPES





docência (PIBID) que objetiva em seu subprojeto a formação para as relações étnico-raciais, onde a escola e todos os atores envolvidos nas ações foram convidados a conhecer um pouco mais sobre a contribuição essencial dos povos indígenas para a nossa cultura, com ênfase especial na linguagem, na alimentação e na fauna e flora nativas.

Ao falarmos da diversidade étnica no Brasil, nos deparamos com uma temática muito abrangente e ampla que carece de muita atenção e avanço no campo das políticas públicas educacionais. Desta forma, ao abordarmos a questão indígena, tivemos a preocupação de não reproduzir uma narrativa retrógrada, preconceituosa e colonialista, como é o caso do termo comumente usado “índio” e, portanto, ajudar a desconstruir o conceito estereotipado que ainda está presente em nossa sociedade que não é correspondente à realidade atual desses povos tão diversos entre si (MAGALHÃES, 2019, p.11) ao se referir aos povos indígenas e suas etnias e, além disso, não apagar suas memórias englobando todos os povos nativos em uma só forma de expressão como se fossem todos iguais ou, pior, que sequer existissem nos dias atuais como algumas crianças pensavam antes da aplicação destas atividades.

Tendo em vista o colonialismo que pratica o rebaixamento existencial dos povos tidos como “colonizados” pelos povos autointitulados “colonizadores”, podemos perceber como toda língua tem uma dimensão histórica, política e de identidade e que “descolonizar” pode ser entendido como ir contra a glorificação da história colonial permitindo novas configurações de poder e de conhecimento (KILOMBA, 2019, p. 13). Ademais, este trabalho também se baseia em componentes utilizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aos quais cabem “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 67-68).

A partir da leitura e exploração das palavras presentes no livro “O Tupi que você fala” (FRAGATA, 2018), trabalhamos o reconhecimento de palavras de origem indígena que fazem parte do nosso dia a dia. Com isso, ao trabalhar palavras do cotidiano e do conhecimento prévio das crianças, conseguimos explorar a fauna e flora nativas somados aos conhecimentos de sua origem, etimologia dos nomes e relações ecológicas em atividades didáticas juntamente com a elaboração de um mini dicionário, proporcionando um rico debate cultural que deve ser realizado desde os primeiros anos de alfabetização, proporcionando aos alunos a compreensão do valor e da importância da cultura indígena em nosso contexto.

Tendo em vista realizar um exercício epistemológico intercultural e decolonial proveniente do pensamento freireano em diálogo com pensadores indígenas, evidenciando o





IX Seminário Nacional do PIBID

saber e a história dos povos indígenas a partir deles mesmos, buscamos uma educação orientada e comprometida em conhecer o ser de sua cultura, através da história, da memória oral e da linguagem (CASTRO e OLIVEIRA, 2022). O premiado escritor indígena Ailton Krenak nos inspira a buscar uma formação viva:

Nós vamos ter que pensar em ajudar a formar seres humanos para habitar uma Terra viva, para a gente escapar do que o Bruno Latour chama de necropolítica. Se não formos capazes de nos inspirar para criar corpos vivos para uma Terra viva, nós não vamos experimentar o Bem Viver. O Bem Viver são corpos vivos em uma terra viva. A gente não pode incidir sobre a Terra como se a gente fosse uma máquina retroescavadeira. Nós não temos que formar técnicos. A gente tem que ajudar a formar seres humanos. (KRENAK, 2020, p. 19-20 apud CASTRO e OLIVEIRA, 2022)

Portanto, as palavras selecionadas nas atividades desenvolvidas foram trabalhadas com o intuito de aproximar as crianças da cultura originária, cada pesquisa etimológica foi feita a partir de uma comparação entre dicionários e consultas de artigos acadêmicos, o que resultou em discussões necessárias para os formandos, curiosidades que surgiram e o evidente desafio de “traduzir” palavras de outra estrutura morfológica, histórica e cultural e, em consequência disso, objetivamos abordar a temática de forma acessível para a assimilação das crianças em seu nível de ensino, enfatizando a necessidade de aprendermos cada vez mais a respeito das culturas nativas brasileiras e sua diversidade.

Ao final das atividades, propomos o plantio de milho de pipoca em jardineiras feitas de material reciclado, citando esse alimento como referência à uma semente sagrada indígena e que tem sua origem narrada de diversas formas por distintas etnias, vivenciando uma experiência de contação de histórias, seguida do plantio das mudas em um canteiro preparado no pátio da escola pelos bolsistas. Durante esta prática, dialogamos sobre o preparo do solo e sua microvida, a importância das minhocas, a função das raízes e folhas, a salvaguarda das sementes crioulas, além dos malefícios dos agrotóxicos e a maneira como nos relacionamos com o meio ambiente, inserindo no universo das crianças um rico aprendizado sobre o cultivo de alimentos, o cuidado da terra e a biodiversidade.

METODOLOGIA

As atividades propostas foram realizadas com objetivo de favorecer a ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da consciência linguística e o respeito às diferentes culturas indígenas e seus conhecimentos seguindo 11 etapas:





1. **Escrita de sequência didática com o grupo de bolsistas:** A partir da escrita dos tópicos presentes em uma sequência didática, elaboramos um bloco de conteúdos embasados nas leituras prévias realizadas por orientação da coordenadora do projeto, visando a alfabetização e letramento para as relações étnico-raciais, seguindo uma abordagem histórica e curricular no contexto dos povos indígenas. Nesta primeira etapa, definimos também o cronograma de atividades presenciais na escola junto à supervisora e estruturamos os planos de aula.
2. **Pesquisa e seleção de habilidades da BNCC compatíveis com o ano da turma:** Selecionamos as seguintes habilidades: (EF01CI06): Compreender e respeitar as diferenças culturais, reconhecendo a importância de diferentes formas de organização social e cultural dos povos indígenas e afro-brasileiros; (EF12LP01) Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização; (EF02CI04) Descrever características de plantas e animais (tamanho, forma, cor, fase da vida, local onde se desenvolvem etc.) que fazem parte de seu cotidiano e relacioná-las ao ambiente em que vivem; (EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
3. **Atividade prática 1 - Leitura do livro selecionado em sala:** Nesse momento, enquanto o livro era lido para a sala, as palavras foram apresentadas em uma folha impressa com sua respectiva imagem.
4. **Atividade prática 2 - Rodas de conversa:** Em seguida, conversamos com as crianças sobre temas que envolvem a cultura indígena brasileira, explicação de nomenclaturas erradas como o termo “índio”, abordagem de forma didática de como os povos originários formam a nossa identidade cultural e como a cosmovisão dos povos indígenas sobre a relação com o meio ambiente, as florestas e a proteção da biodiversidade brasileira é importante. Após as reflexões, as crianças foram convidadas a escolher as palavras que mais gostaram para usarmos nas próximas atividades.
5. **Pesquisa etimológica:** A partir desse momento de conversa com as crianças aprofundamos a pesquisa sobre a etimologia e significado das palavras indígenas presentes no livro, notamos a presença marcante de animais e frutas na preferência das crianças.
6. **Atividade prática 3 - Ligar os pontos, identificar figuras e colorir:** Com as palavras selecionadas, produzimos uma atividade impressa em que as crianças puderam ligar a imagem de um desenho de animais nativos e sua respectiva palavra separada por sílabas.



IX Seminário Nacional do PIBID

Então, entregamos outras duas folhas com desenhos realistas dos animais e suas respectivas palavras para colorir, além de fotos de frutas nativas e suas respectivas palavras para identificação, sendo que todas as palavras foram separadas em sílabas. Sempre observando a utilização de imagens livres de direitos autorais e que fosse expressamente autorizado seu uso para fins educacionais.

- 7. Discussão aprofundada e seleção das palavras com significados:** Realizamos uma pesquisa documental, por meio de publicações oficiais, produções acadêmicas e dois diferentes dicionários tupi-português, além de plataformas de pesquisa, com o objetivo de criar um material fidedigno à etimologia correta a partir de estudos linguísticos e produções de conteúdo dos próprios povos indígenas em redes sociais. Esta atividade não tinha o objetivo de seguir um rigor técnico etimológico, porém, a partir dessa pesquisa, selecionamos palavras e seus significados mais consensuais entre os resultados, tais como: ARARA "ave de muitas cores" ou "ave grande"; CAPIVARA "comedora de capim"; JABUTICABA "gordura de jabuti" ou "comida de jabuti"; PERERECA "ir aos saltos"; MARACUJÁ "alimento em forma de cuia"; JACARÉ "aquele que olha de banda"; PIPOCA "Pele estourada"; TATU "casco grosso ou duro", entre outras.
- 8. Atividade prática 4 - Construção de um dicionário com palavras em tupi:** A construção de um dicionário foi uma atividade realizada com o intuito de ser uma importante ferramenta para fixação da relação imagem-palavra-significado listadas na etapa anterior, utilizando espaços em branco para preenchimento no lugar das sílabas e um espaço retangular para um desenho à mão livre sobre o que a criança aprendeu nas conversas sobre o tupi e a cultura indígena, além de um espaço na capa para que a criança escreva seu nome. O material foi diagramado com programas de edição gráfica gratuitos, utilizando linguagem adequada para a idade, impresso em duas folhas de papel sulfite A4, em formato livreto para aplicação em sala de aula.
- 9. Atividade prática 5 - Plantio de sementes de milho de pipoca em uma jardineira:** Utilizamos húmus de minhoca, substrato, terra vegetal e materiais reciclados como garrafas de plástico, onde cada bolsista confeccionou a sua própria jardineira em casa e semeou o milho. As crianças receberam sementes de milho de pipoca para realizar o plantio em suas jardineiras feitas junto com os bolsistas e as professoras, confeccionadas na quadra da escola, onde vivenciaram um rico momento de conversa e bate papo durante a prática de plantio.
- 10. Atividade prática 6 - Contação de história sobre a origem do milho:** A partir da narrativa de um jovem indígena Guarani da aldeia Yakã Porã, em Ubatuba/SP encontrada



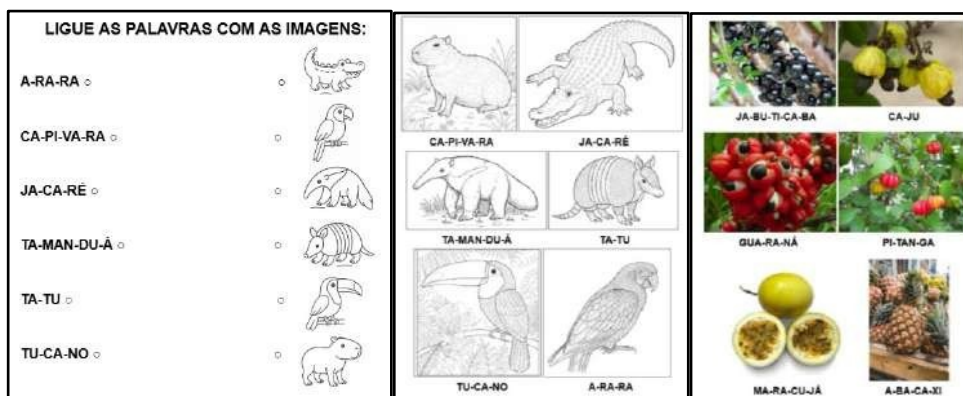


nas redes sociais da Associação Redes de Sementes do Xingu, realizamos um momento lúdico em que reproduzimos a história, contada com palitoches dos elementos presentes na narrativa, utilização de efeitos sonoros, interpretações cênicas e cenografia, durante a apresentação, mostramos para as crianças sementes de milho crioulas e orgânicas oriundas da Biblioteca de Sementes situada na Casa de Sementes “Mãe Terra” (CSMT) mantida pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia e Entomologia Raiz do Campo e agricultores da Central de Associações “Orgânicos Sul de Minas”. Na finalização desse momento, realizamos uma roda de conversa sobre o milho, a mandioca, seus derivados e outros alimentos provenientes da cultura indígena.

11. Atividade prática 7 - Plantio da pipoca no pátio da escola: Por fim, manejamos um espaço de terra inutilizado presente no pátio da escola, com a autorização da direção, para realizar o transplante das mudas de pipoca que os bolsistas e as crianças haviam plantado nas jardineiras para o canteiro pré-manejado. Durante o plantio, foram abordados assuntos relacionados à vida das plantas, sua estrutura, alimentação, relação com o solo e formas de cultivo agroecológico. Ao final, foi entregue uma lembrancinha para as crianças com sementes de milho de pipoca em um pacotinho e a frase em anexo “Antes do Brasil da Coroa, existe o Brasil do Cocar” da deputada estadual indígena Célia Xakriabá.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As palavras geradas pela discussão a partir do livro lido propõem um importante debate a respeito da cultura nativa viva em nosso cotidiano e, por meio das atividades elaboradas, foi possível dialogar com os alunos sobre o universo das palavras indígenas, reforçando a diversidade e a importância de conhecermos e compartilharmos esses saberes.



Imagens 1, 2 e 3. Atividades práticas de ligar os pontos, colorir e identificar. Fonte: Autores (2025)





Na tabela abaixo listamos algumas definições de palavras utilizadas nas atividades práticas comparando o Dicionário Tupi (antigo) - Português (CARVALHO, 1987) e o Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil (NAVARRO, 2013):

Tabela 1: animais e plantas nativas com nomes de origem tupi em ordem alfabética

Palavra	Dicionário (1987)	Dicionário (2013)
ABACAXI	(NANÃ. Botânica: ananás, fruto de uma bromeliácea, gênero Ananas .)	naná (s.) - 1)ANANÁS, ANANASEIRO, ANANÁ, planta da família das bromeliáceas (<i>Ananas comosus</i> L.), cultivada ou selvagem. Também é conhecida como ANANÁ, ANANAS, NANÁS, NANASEIRO, abacaxi-branco, abeiras.
ARARA	(Ornitologia: ave da família dos psitacídeos, gênero Anodorhynchus)	ará (s.) - ARÁ, nome comum a grandes aves psitacídeas, papagaios de bicos altamente cortantes, corpos vermelhos, com manchas de diversas cores nas asas e em outros lugares
CAJU	(AKA-U. Botânica: 1 variedade de mogno . 2 Caju, fruto do cajueiro, da família das anacardiáceas, gênero Anacardium. Substantivo : 1 ano (medido pela época do caju). 2 Cauim ou vinho feito com o caju)	akaïu (s.) - 1) CAJUEIRO, nome dado principalmente a uma árvore da família das anacardiáceas, gênero Anacardium (<i>Anacardium occidentale</i> L.), de flores pequenas, avermelhadas e perfumadas, que exalam um odor muito forte; 2) CAJU, ACAJU, o fruto dessa árvore e das demais espécies de cajueiros
CAPIVARA	(KAPI- GOARA . Zoologia {comedor de capim): capivara, grande roedor da família dos caviídeos , gênero Hydrochoerus)	kapibara (ou kapi'iabara ou kapi'iûara) (etim. - comedor de capim) (s.) - CAPIVARA, carpincho, o maior roedor do mundo, que pode atingir mais de 50 quilos. Pertence à família dos hidroquerídeos (<i>Hydrochoerus hydrochoeris</i> L.), da América do Sul oriental. Vive à beira dos rios, nos brejos, nas lagoas, sendo grande nadadora, habitando também perto de matas ou cerrados. Sai geralmente à noite, vivendo sempre em bandos.
GUARANÁ	(Palavra não encontrada)	(Palavra não encontrada)
JABUTICABA	IABOTI-KABA Botânica: jaboticaba , fruto do jaboticabeiro, árvore da família das mirtáceas, gênero Myrciaria.	îabutikaba (etim. gordura de jabuti* < iaboti + kaba) (s.) - 1) JABUTICABEIRA, árvore da família das mirtáceas, cuja principal espécie é a <i>Myrciaria cauliflora</i> , em cujo tronco aparecem os frutos parecidos a uvas, mas de casca mais dura; 2) o fruto da jabuticabeira, JABUTICABA





JACARÉ	(jacaré ou ya'caré Existem duas versões: ya'caré'y – ya: o sujeito + caré: torto Terras Brasileiras jaeça-caré = o que olha de banda.) <small>IX Seminário Nacional do PIBID</small>	ïakaré (s.) - JACARÉ, nome comum a todos os répteis crocodilianos da família dos aligatorídeos
MARACUJÁ	(MARAK'-U-Ã. Botânica: maracujá, fruto do maracujazeiro, trepadeira da família das passifloráceas, gênero Passiflora)	murukuia (s.) - MARACUJÁ, 1) nome comum a várias plantas da família das passifloráceas, gênero Passiflora; 2) o fruto de tais plantas
PITANGA	(PITANGA. Adjetivo: avermelhado, pardo~fosco, trigueiro. piranga.)	piranga (m) (s.) - vermelhidão; (adj.: pirang) - vermelho, PIRANGA: ... Amô aó-úranga mondepa sesé - Uma roupa vermelha colocando nele; Xe robá-pirã-pirang - Eu tenho rosto muito vermelho, eu enrubesço.
TAMANDUÁ	(TAMANDUÃ. Zoologia: tamanduá, mamífero da família dos urmecofídeos.)	tamandua (s.) - TAMANDUÁ, nome genérico de animais mamíferos desdentados da família dos mirmecofagídeos e, principalmente, do <i>Myrmecophaga tridactyla</i>
TATU	(TATU . Zoologia: tatu , mamífero da família dos dasipodídeos, vários gêneros)	tatu (s.) - TATU, nome comum a mamíferos desdentados da família dos dasipodídeos, com muitos gêneros e espécies diferentes. Têm o corpo coberto por uma couraça, formada por placas justapostas. Vivem em galerias abertas no chão. Têm de 4 a 6 filhotes em cada ninhada, em que todos eles têm o mesmo sexo. Têm hábitos noturnos.
TUCANO	(TUKANA . Ornitologia : tucano , ave da família dos ranfastídeos, gênero Ramphastus. Em tupinambá é tukã.)	tukana (s.) - TUCANO, nome comum a diversas aves trepadoras da família dos ranfastídeos, de grande porte. É ave com bico enorme, desproporcional ao corpo, de belas cores. Vive em pequenos bandos

Tabela 1. Lista de palavras utilizadas na atividade prática 3. Fonte: (CARVALHO, 1987) e (NAVARRO, 2013). Org: Autores (2025).



Imagens 4 e 5. Aplicação das atividades práticas apoiando a leitura e interpretação com o minidicionário e diálogos didáticos. Fonte: Autores (2025)

Outras palavras que aparecem na leitura do livro selecionado foram: PACA, URUBU, SIRI, SUCURI, JABUTI, SAGUI, GURI, SAMAMBAIA, SABIÁ, PAÇOCA, PIRANHA, TAQUARA, PERERECA, TATURANA, PETECA, POROROCA, SACI, PIPOCA,





AMENDOIM, CURUMIM, todas elas seguindo a mesma metodologia de pesquisa para aplicação no dicionário. Esse processo de elaboração das atividades se mostrou muito relevante, foi um momento que suscitou intensas e ricas discussões entre os atores envolvidos a respeito da etimologia e dos significados dessas palavras, além de compartilharmos fontes e metodologias de pesquisa que são imprescindíveis neste período de formação docente.

Com o aprofundamento das pesquisas, descobrimos também muitas curiosidades e informações relevantes pois, muitas dessas palavras, apresentam diversos desafios para se compreender seu verdadeiro significado, como é o caso do abacaxi que é tema de reavaliação de sua etimologia, visto que seu significado mais consensual é “fruta que recende” ou “fruta que exala cheiro”, porém, embora não descartado, este revela-se controverso e pouco provável, pois a unidade lexical “abacaxi” significou primeiro um povo indígena, um rio e uma missão jesuítica (MARONEZE, 2020). Já no caso da palavra Guaraná, que não foi encontrada em nenhum dos dois dicionários consultados, tem sua origem como uma fruta sagrada e sua etimologia vem da palavra “Waranã”, segundo a lenda da qual se origina o povo Sateré-Mawé, por essa razão são conhecidos também como filhos do guaraná (MIQUILES e CASTRO, 2022). Outra palavra importante no desenvolvimento da atividade é

a palavra pipoca do tupi PI-POK-A: Verbo transitivo “pira”= pele + “poká” = Substantivo: estalo, estouro. Verbo intransitivo : estourar, rebentar, estalar, disparar, espremer (CARVALHO, 1987) algo como “pele estourada”, provavelmente se referindo ao estouro da pele do milho. Esta palavra foi utilizada na atividade prática do plantio, ela nos despertou a necessidade de buscar as origens mitológicas do milho, com narrativas presentes em diversas etnias indígenas como uma semente sagrada e de grande importância para os povos originários.

Encontramos no perfil das redes sociais da Associação Rede de Sementes do Xingu o registro de uma entrevista com a narrativa de um jovem Guarani da aldeia Yakã Porã, em Ubatuba/SP, onde ele conta a origem do milho, transcrita abaixo:

A história que falam é que quando a fome caiu no mundo, eles estavam pedindo pra Nhanderu dar algum tipo de sinal para que eles não morressem de fome, aí dizem que na reza começou a chover e aí veio as trovoadas e quando trovejou na raiz da taquara, aí começou a brotar o primeiro milho, e quando viram que a trovoadinha caiu lá e brotou depois de algum tempo, eles começaram a achar que aquele broto era algum tipo de sagrado que tinha lá (ASSOCIAÇÃO REDE DE SEMENTES DO XINGU, 2025).

As crianças foram levadas a perceber a riqueza da cultura indígena e sua presença viva em nossa sociedade, despertando o interesse pela diversidade cultural desde os primeiros anos escolares, isso posto, observarmos atentamente a ativa participação e o envolvimento das crianças durante as rodas de conversa, a contação de histórias e as atividades práticas.





Imagens 6, 7, 8 e 9. Aplicação da atividade prática 6 de contação de história com palitoches e pibidianos apresentando as sementes de milho crioulas e orgânicas da CSMT. Fonte: Autores (2025)



Imagens 10, 11 e 12. Aplicação da atividade prática 7 de transplantar o milho para o canteiro preparado no pátio da escola. Fonte: Autores (2025)

As produções individuais e coletivas foram avaliadas com base nos registros realizados ao longo da sequência didática escrita e aplicada, observando nos alunos os exercícios de desenvolvimento motor, capacidade de identificação de frutas e animais fazendo a relação com a palavra escrita e a participação, interação e cooperação no processo de plantio. Este acompanhamento permitiu avaliar a compreensão dos conteúdos, a apropriação dos conceitos trabalhados e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, linguísticas e socioemocionais.

Além disso, ao destacar a presença de palavras indígenas no vocabulário cotidiano, como nomes de frutas, animais e localidades, esta proposta valorizou a importância das culturas originárias na construção da identidade brasileira no repertório das crianças e dos licenciandos. Perceber essas influências é importante para que possamos aprender a respeitar a diversidade cultural e repensar ideias antigas e errôneas, ajudando a formar pessoas mais conscientes, críticas e abertas para entender a história e os conhecimentos dos povos indígenas.

Essa abordagem possibilitou a superação de uma perspectiva meramente informativa, ao estimular nos alunos a construção de atitudes reflexivas e críticas voltadas à diversidade cultural brasileira. Em síntese, a sequência didática cumpriu os objetivos educacionais previstos, suscitando a curiosidade e fortalecendo a valorização crítica do patrimônio imaterial nativo, observando demandas e potencialidades de educandos nos primeiros anos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Explicar para as crianças os significados e contextos das palavras indígenas envolve muita pesquisa em estudos linguísticos e étnicos visto a diversidade presente no país, tanto das línguas do tronco Tupi-Guarani quanto do tronco Macro-Jê e suas ramificações em diferentes povos e etnias, o que amplia ainda mais o leque de possibilidades de narrativas a respeito da construção da cultura brasileira e que muitas vezes desconhecemos devido ao apagamento cultural desses povos promovido pelo processo violento e cruel de colonização e etnocídio na história do país.

Portanto, realizamos essa jornada cientes de que este trabalho não se propõe a esgotar a pesquisa linguística dos significados de origem Tupi e que temos muito ainda a avançar para atualizar referências e realizar pesquisas bibliográficas mais densas e específicas, entretanto, nos lançamos em uma proposta de ações que contemplem os pilares da pesquisa, ensino e extensão, que observem os objetivos do PIBID e que possam ser adaptadas com assertividade para os primeiros anos, estágio em que os desafios da alfabetização são muitos, unidos à necessidade de abordar a temática do letramento para as relações étnico-raciais no contexto dos povos indígenas de forma abrangente e respeitosa.

Concluimos que essa pesquisa promoveu uma vivência rica e significativa sobre a cultura indígena, onde foi estimulado não só o conhecimento linguístico, mas também o respeito à diversidade cultural e as reflexões a respeito da nossa relação com o meio ambiente. Por fim, a aplicação deste trabalho possibilitou aos alunos e licenciandos uma experiência pedagógica completa, que integrou saberes linguísticos, culturais e conscientização ambiental, contribuindo assim para uma prática educativa inclusiva, reflexiva e alinhada ao respeito às identidades culturais nativas brasileiras.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à participação da(o)s pibidiana(o)s bolsistas Amanda, Giovanna, Rafaela, Isadora, Emily e Márcio na ação, à professora Joelma pelo trabalho conjunto, à direção da escola parceira pelo acolhimento, à CAPES pelo fomento, ao IFSULDEMINAS campus Inconfidentes pelo apoio, à CSMT na pessoa da professora Sindynara pela doação das sementes, aos povos originários com suas lutas pela preservação da biodiversidade brasileira e, por fim mas não menos importante, agradecemos às crianças que fazem todo o nosso estudo valer a pena e ter significado.





REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO REDE DE SEMENTES DO XINGU. Entrevista com jovem Guarani da aldeia Yakã Porã. Ubatuba, 24 abr. 2025. Facebook: RedeDeSementesDoXingu. Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/1195474745449535>. Acesso em 02 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, M. R. de. **Dicionário tupi (antigo)-português** - Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:carvalho-1987-dicionario>.

CASTRO, D. T.; OLIVEIRA, I. A. Descolonização do Saber: Paulo Freire e o pensamento indígena brasileiro. **Educação & Realidade**, 47, e116268, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236116268vs01>. Acesso em 13 maio 2025.

FRAGATA, C.. **O tupi que você fala**. Projeto: Leia para uma criança - São Paulo: Globo Livros, 2018.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAGALHÃES, I. S. **Quem é índio?** A questão da identidade entre os povos indígenas do Ceará. 2019. 23f. - TCC (Graduação) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social/Jornalismo, Fortaleza (CE), 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/50876>. Acesso em 27 abr. 2025.

MARONEZE, B. Reavaliando a etimologia de abacaxi a partir de novos dados histórico-filológicos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 22 (Especial), 205-215. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/166154>. Acesso em 30 abr. 2025.

MIQUILES M.; CASTRO F. R. M. de. **Glossário lexical da língua sateré-mawé** – Ponta Grossa: Atena, 2022. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/handle/123456789/5989>.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil** - São Paulo: Global, 2013. E-book. Disponível em: <https://archive.org/details/dico-tupi-navarro/page/n1/mode/2up>.

